

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES**

INGRID NERI DOS ANJOS

**ARTISTA INDEPENDENTE:
processos e desafios**

**SÃO PAULO
2022**

INGRID NERI DOS ANJOS

ARTISTA INDEPENDENTE:

processos e desafios

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da UNESP, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Música com Habilitação em Composição.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Funcia De Bonis

SÃO PAULO

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

A599a

Anjos, Ingrid Neri dos, 1996-

Artista independente : processos e desafios / Ingrid Neri dos
Anjos. - São Paulo, 2022.

32 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Funcia De Bonis
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Instituto de Artes

1. Mulheres musicistas. 2. Mulheres artistas. 3. Narrativas
pessoais. I. De Bonis, Maurício Funcia. II. Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 780.82

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

INGRID NERI DOS ANJOS

ARTISTA INDEPENDENTE:

processos e desafios

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da UNESP, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Música com Habilitação em Composição.

Aprovado em: 30 de Novembro de 2022



Prof. Dr. Maurício Funcia De Bonis - orientador
UNESP - Instituto de Artes



Profa. Dra. Graziela Bortz
UNESP - Instituto de Artes

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por sempre cuidar de mim, apoiar minha carreira e acreditar nos meus sonhos.

Agradeço a meus amigos e namorada por estarem sempre ao meu lado quando precisei e por sempre me fazer pensar e repensar na pessoa que, continuamente, busco ser.

Agradeço aos professores, Fábio Miguel, que jamais será esquecido e foi essencial em minha vida; a Graziela Bortz, Lia Tomás e Maurício De Bonis que sempre me ouviram, ajudaram e ensinaram.

Agradeço aos artistas que me ajudaram no processo de escrita e elaboração deste trabalho.

Agradeço à dona Nilza por fazer da experiência universitária muito mais leve.

“Sou resultado das pessoas que eu amei” - Baco Exú do Blues.

“O que é ser um Bluesman? É ser o inverso do que os outros pensam é ser contra a corrente ser a própria força, a sua própria raiz. É saber que nunca fomos uma reprodução automática da imagem submissa que foi criada por eles. Foda-se a imagem que vocês criaram. Não sou legível, não sou entendível, sou meu próprio Deus, meu próprio santo, meu próprio poeta. Me olhe como uma tela preta, de um único pintor. Só eu posso fazer minha arte. Só eu posso me descrever, vocês não têm esse direito. Não sou obrigado a ser o que vocês esperam, somos muito mais”.

Baco Exú do Blues

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo propor reflexões acerca de vivências artístico-musicais, entendendo como e por que os caminhos ora se assemelham, ora se distinguem, sempre em direção às possíveis respostas para a pergunta: em que consiste a suposta "independência" dos chamados artistas independentes? A ideia surgiu a partir da minha vivência como artista, sendo uma mulher cis, negra e LGBTQIA+, portanto percorrerei tanto meu próprio trajeto musical quanto de outros artistas, e sempre criticando o sistema em que estamos inseridos, pois é impossível analisar quaisquer situações sem reconhecer os impactos sociais e culturais que vivemos. A arte está sempre entrelaçada com a realidade de artistas.

Palavras chave: Música. Artista. Artista Independente. Compositora. Rap. Hip Hop. Cultura. Indústria fonográfica.

ABSTRACT

The present work aims to propose reflections about artistic-musical experiences, understanding how and why the paths are sometimes similar, sometimes different, always towards the possible answers to the question: what does the supposed "independence" of the so-called independent artists consist of? The idea came from my experience as an artist, being a cis, black and LGBTQIA+ woman, so I will go through both my own musical path, as well as that of other artists, always criticizing the system, in which we are inserted, because it is impossible to analyze any situation without recognizing the social and cultural impacts we experience. Art is always intertwined with the reality of artists.

Keywords: Music. Artist. Independent Artist. Composer. Rap. Hip Hop. Culture. Phonographic industry.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 ARTISTA INDEPENDENTE DO QUÊ?	9
2.1. Que ideologias são essas?	9
2.2 Indústria Fonográfica	12
2.3. Analisando dados do Spotify	13
3 CONHECENDO OUTRAS TRAJETÓRIAS	15
3.1. Djonga	19
3.2. Galo de Luta	20
3.3. Bia Ferreira	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUAL MEU MAIOR OBJETIVO COM A MÚSICA?	24
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Sempre, quando perguntam sobre minha trajetória musical, das escolhas que tomei, do por que decidi adentrar nessa área tão árdua e financeiramente cara, respondo que não teria como ser diferente. Por anos, a música foi a única coisa que fazia sentido. Eu poderia me expressar. Ela me mantinha viva. Quando descobri que era possível estudá-la, aprimorar meus conhecimentos e desenvolver técnicas de composição, me agarrei naquilo até alcançar meu objetivo.

A Universidade Estadual Paulista (Unesp) era meu maior desejo, uma enorme representação do meu sonho de infância, era tudo o que eu almejava. Acredito que justamente por ter idealizado tanto, me frustrei com o que me deparei. A universidade deveria ser um direito. O vestibular é cruel e elitista. Quem tem acesso? Quem tem o “direito” de estar lá? Como as pessoas se mantêm até o fim da graduação?

A universidade e a sala de aula começaram a se parecer mais com uma prisão, um lugar de castigo e reclusão, e não de promessa e possibilidade. (hooks, 2013, p. 13).

Não sentia de fato que pertencia aos lugares, mas isto só percebi depois de adulta. Eu, que tive uma infância privilegiada, estudei em escolas particulares, não obtive garantia. E novamente, apenas depois de adulta, entendi o que Bell Hooks (2013) já havia escrito. Que tanto as escolas quanto as universidades eram prisões, tanto estruturalmente: no modo em como as salas de aulas são arquitetadas, com propostas de política de encarceramento; quanto como prisões de ideias: daquelas que não vêm da classe dominante, termo cujo significado irei explicar no capítulo 1.

A ideologia é uma prisão invisível. É uma forma de violência no plano simbólico, mas é solidária com a violência institucionalizada nas estruturas econômicas e políticas; uma violência de tal modo profunda que consegue mascarar a servidão que gera. (GIRARDI, 1975, p. 15).

No capítulo 1, proponho uma reflexão e análise acerca de nosso cenário atual ou nosso contexto histórico, prática que no marxismo é chamada de materialismo histórico-dialético. Explicando brevemente sobre as ideologias já citadas e focando na indústria fonográfica. Já no capítulo 2, mostrarei trajetórias de outras pessoas

artistas independentes, extraídas do formulário que montei: oito perguntas pessoais cuja raiz é sempre voltada à opinião individual, com o objetivo de propor reflexões acerca de vivências artístico-musicais, entendendo como e por que os caminhos ora se assemelham, ora se distinguem.

A ideia surgiu a partir de minha vivência como artista, sendo uma mulher cisgênero, negra e LGBTQIA+, portanto, percorrerei tanto meu próprio trajeto musical quanto o de outros artistas; sempre criticando o sistema em que estamos inseridos pois entendo que é impossível analisar quaisquer situações sem reconhecer os impactos sociais e culturais que vivemos. Finalizo este trabalho no capítulo 3, trazendo relatos acerca de meu trabalho como artista independente, sempre da perspectiva do cenário brasileiro, evidenciando minhas experiências e respondendo minhas questões pessoais retiradas do mesmo formulário.

2 ARTISTA INDEPENDENTE DO QUÊ?

2.1. Que ideologias são essas?

É desconexo avaliarmos uma situação individual e julgarmos como possibilidade única de verdade. “A sociedade toda cinde-se, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes que diretamente se enfrentam: burguesia e proletariado.” (MARX; ENGELS, 1997). O capitalismo fornece “roupagens”, “caixinhas”, “status”. Qualquer manifestação pode tornar-se objeto de status, lucro. Neste cenário, como a arte atua? O objetivo artístico está sempre alinhado a resultados financeiros? Quando não, por quê?

Em resumo, “a cultura se torna assim um meio para contornar os problemas, um ponto de fuga, uma válvula de segurança que impede a explosão da situação. Ela fornece às contradições reais um desbloqueio ideal, aos problemas efetivos uma solução ilusória.” (GIRARDI, 1975). Pensando através dessa lógica ilusória, conseguimos trazer aproximações factuais de como elas vão surgindo em nossa sociedade capitalista, dentro de questões complexas e estruturais.

Analisando os dados abaixo, faremos uma breve análise para que possamos começar a entender tamanhos impactos dentro dos recortes de raça e gênero, no curso de Bacharelado em Música - composição ou regência:

Figura 1 - Gráfico demonstrativo de gêneros, com e sem cotas, de alunos de Bacharelado em Música - composição ou regência.

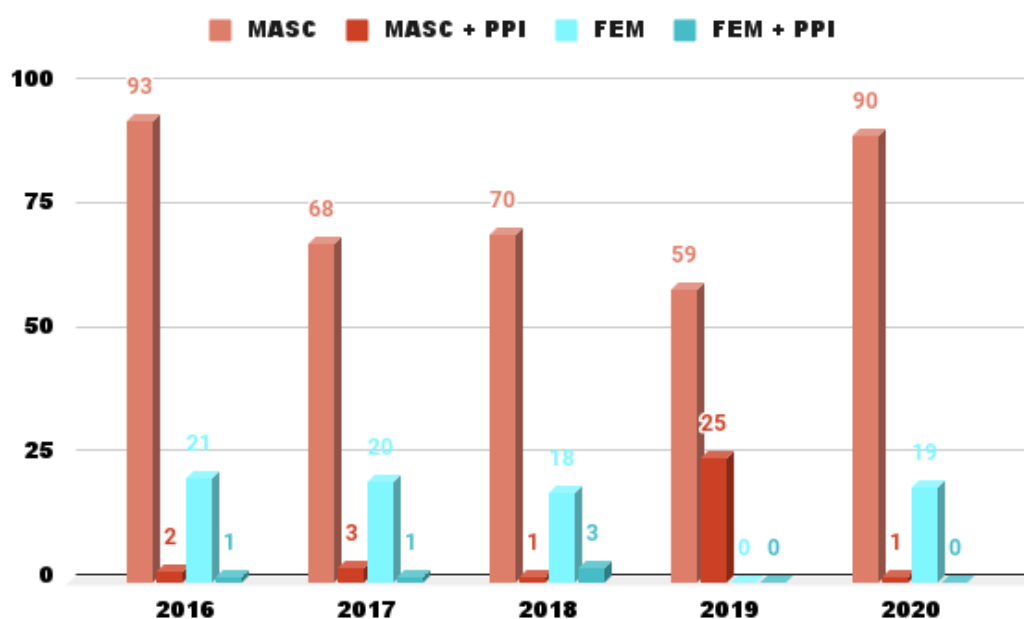


Gráfico elaborado a partir de dados disponibilizados pela Universidade. Fonte: elaboração nossa. <https://www.vunesp.com.br/institucional/estatisticavestibular>

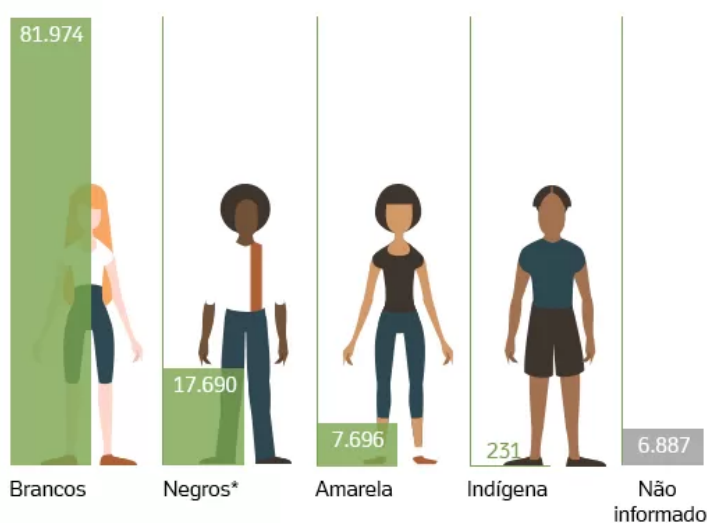
O gráfico mostra dados que analisei referentes aos relatórios de vestibulares da Unesp, de 2016 a 2020, disponíveis no site da Vunesp na opção “Relatórios”¹, e tem a função de mostrar a relação de candidatos dos sexos masculino (homens-cisgênero) e feminino (mulheres-cisgênero), juntamente com às informações de cotas (PPI) de cada sexo no decorrer desses anos. Além dessas informações básicas, é revelado um processo de invisibilização: das pluralidades de identidades de gênero. Como avaliamos os dados de ingressantes com outras identidades de gênero se nem em nossas inscrições de vestibular estão presentes?

Apesar de anualmente, como observa-se acima, o número de ingressantes negres, pobres e mulheres-cisgênero, no Bacharelado em Música composição e regência, serem baixíssimos, concluo que, para mim, a melhor parte foi o encontro com pessoas de outras áreas, ideias, vivências e experiências artísticas. A cada ano que passava, mais deslocada e desconfortável ia me sentindo naquele espaço. Eu, muitas vezes, era a única mulher-cisgênero ou a única pessoa negra presente nas classes de composição. Porém, isso não diz respeito à Unesp em particular:

Figura 2 - Gráfico demonstrativo de alunos matriculados na USP em 2017 por cor de pele.

¹ Link para acesso: <https://www.vunesp.com.br/institucional/estatisticavestibular>

Alunos matriculados na USP em 2017 por cor de pele



Arte/UOL

Fonte: MARTINS, Leonardo. N° de alunos negros sobe 52% na USP em 10 anos, mas eles representam só 15%. UOL, Educação, São Paulo, 21 dez. 2018. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias>. Acesso em: 03 nov. 2022.

Esses dados escancaram frutos colhidos de uma estrutura capitalista, pautada no racismo, LGBT-fobia, misoginia, e tantas outras formas de violência e genocídios.

A classe dominante detém, sem dúvida, as alavancas de produção e de reprodução da cultura: pesquisas e publicações especializadas, meios de comunicação de massa, instituições educativas, movimentos políticos e sindicais, instituições religiosas etc. (GIRARDI, 1975. p. 14).

Vejamos o caso de Ludmilla, por exemplo, uma artista com grande reconhecimento na carreira. No entanto, apesar de ser famosa, influente e respeitada no cenário artístico-musical, continua sendo alvo de crimes raciais. Enfatizo esse caso pois a cantora e compositora sofreu diversos ataques racistas e LGBTQIA+ fóbicos e, certamente, ainda os sofre (UOL, 2020). Trago a reflexão de como podemos sequer pensar em popularidade, alcance e reconhecimento vivendo no sistema em que estamos? A solução ilusória engana ao acharmos que, por existirem algumas pessoas negras e LGBTQIA+ com dinheiro, fama e reconhecimento, os preconceitos estão chegando ao fim ou até mesmo, findaram-se. Falarei mais sobre este assunto no capítulo 2.

2.2 Indústria Fonográfica

Antes de adentrar este tema, é importante pensarmos como a indústria fonográfica, ao longo dos anos, vai tornando-se maior e com cada vez mais ramificações:

Com a internet, a música ultrapassa os limites físicos da mídia, mergulhando no universo digital. Surge um novo formato chamado MP3, no qual a música passa a circular livremente pela rede mundial de computadores. A pirataria de faixas e álbuns musicais torna-se viral, mesmo com a existência de sites especializados na venda de música online. Já o consumo agora é personalizado. As pessoas têm a oportunidade de escolher entre fazer o download de conteúdo legalizado ou ilegal, obter o álbum inteiro de um artista ou somente as faixas de que gosta. Se antes encontrar músicas de um artista pouco conhecido era difícil porque não havia CD dele na loja física, na internet os artistas independentes ganhavam espaço e reconhecimento. (CAVALCANTI; CALAZANIS, 2019, p. 4).

Desde sua origem, a indústria fonográfica firma-se como sendo a principal figura responsável pela organização de artistas. Rege, compõe trajetórias e, muitas vezes, impõe trejeitos. A indústria é até hoje esse grande representante e, embora as discussões acerca da má remuneração financeira e má distribuição de *royalties*² a artistas estejam começando apenas recentemente (GONÇALVES, 2021), é importante refletirmos sobre qual a função dos artistas hoje em dia, e qual a função da arte em si.

O senso comum sobre as plataformas de streaming de músicas é que os artistas estão sendo muito mal remunerados e os produtores fonográficos permanecem com grande parte das receitas feitas pela indústria fonográfica. (GONÇALVES, 2021, p. 72)

Ao longo dos últimos anos, o movimento de lançar música foi se libertando das enormes burocracias com grandes empresas, como era a prática corrente no passado recente. “O barateamento e fácil acesso a softwares digitais de gravação e edição de som contribuiu para a democratização da produção de conteúdos multimidiáticos” (CAVALCANTI; CALAZANIS, 2019). Porém, é importante não confundirmos uma facilidade de lançamento e, conseqüentemente, conseguir (de

² Patente de um fonograma.

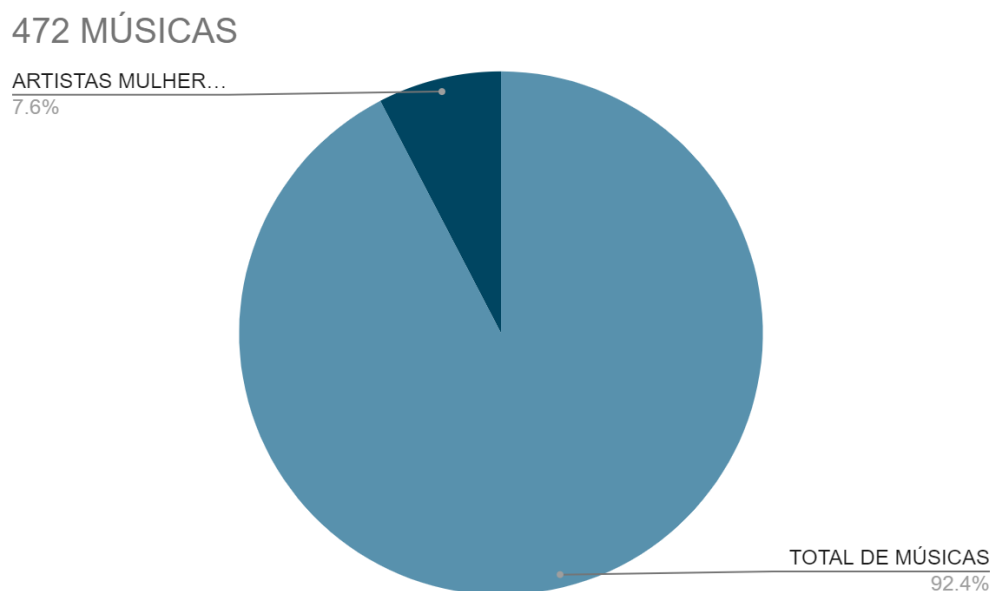
certa forma) espaço nas plataformas digitais, com a remuneração do trabalho realizado e reconhecimento.

2.3. Analisando dados do Spotify

As mulheres recebem 9 reais a cada 100 reais distribuídos (UBC, 2021). No que tange à participação por gênero nas 'rubricas', no meio digital, as mulheres contemplam 10%, enquanto os homens representam o restante (90%); nas rádios, 14% das mulheres e 86% dos homens; e na TV aberta, 6% das mulheres e 94% dos homens. (UBC, 2021)

Aqui, farei uma breve análise de sete Playlists³ montadas pelos curadores do Spotify e ouvidas por mais de um milhão e meio de pessoas mensalmente. Essas Playlists fazem parte da linguagem do Rap e seus subgêneros. O foco é analisar a porcentagem da presença trans e de mulheres-cisgênero, num total de 472 músicas. Este é o resultado:

Figura 3 - Gráfico demonstrativo da análise de identidade de gênero dentro de sete Playlists do Spotify



Fonte: elaboração nossa

A falta de representatividade dentro das universidades é apenas um recorte pequeno de um cenário imenso. A reflexão maior que proponho é: por que há

³ As Playlists analisadas foram: Trapperz Brasil, Trap Ouro, Dose Trap, Presença Hip Hop, Rima Avançada, Trap Classe, Coleção Hip Hop.

artistas homens-cisgênero que, apesar de obterem menor número de ouvintes mensais (*streams*), estão nessas Playlists? Enquanto que diversas mulheres-cisgênero e pessoas trans, evidentemente com maior número, não estão?

Alego novamente a importância do exercício de sempre retornar a uma abordagem mais ampla, dentro de qualquer contexto. Ao analisarmos alguma situação sem antes refletirmos sobre um contexto maior, mais complexo e profundo, facilmente cedemos justamente ao lado dominante das narrativas hegemônicas em nossa cultura, ou seja, em última instância, aos interesses da burguesia capitalista. Então, do que nós artistas somos de fato independentes se constantemente somos impelidos para dentro de categorias criadas pelas grandes indústrias? Se em tantos níveis complexos temos nossa liberdade de expressão e criação barradas por um sistema?

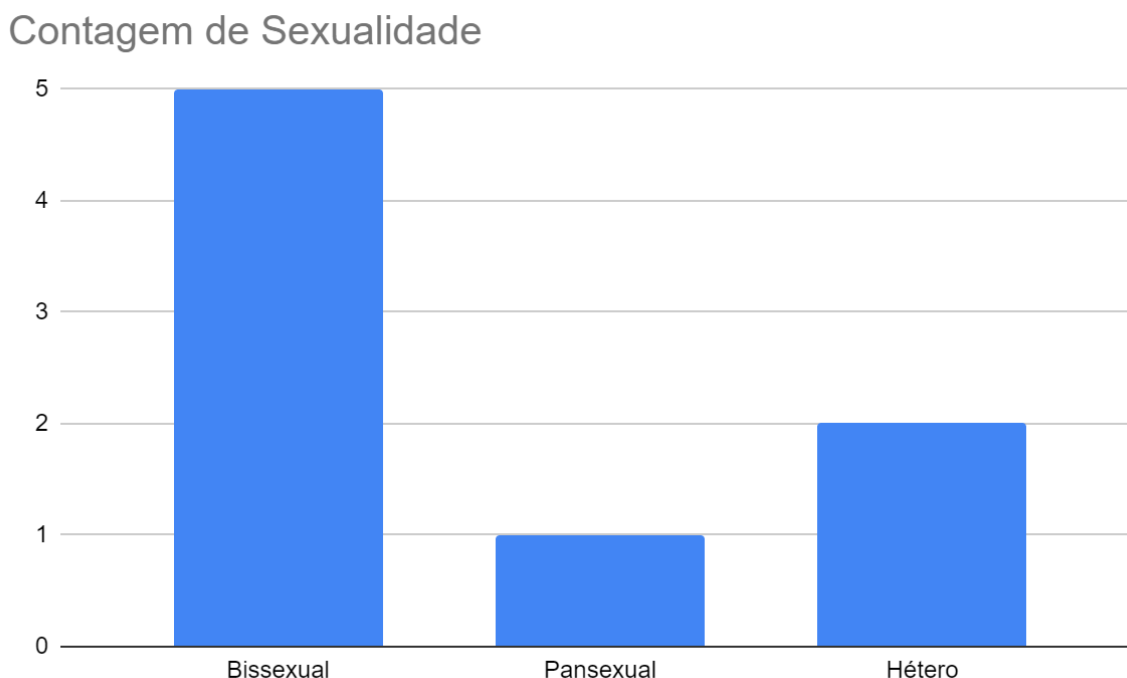
O sistema vive desta falsidade estrutural, desta hipocrisia inconsciente. Tem necessidade de homens que se adaptem porque não a vislumbram como tal; para que eles próprios, criados pelo sistema à sua própria imagem, reproduzam em suas vidas o mesmo dualismo e a mesma falsidade estrutural. Assim eles aceitam como normal que se pensem e se digam coisas que não se vivem, e que são, objetivamente, irrealizáveis. O escopo fundamental da ideologia é, definitivamente, o de plasmar esse tipo de homem, do qual o sistema tem necessidade para subsistir e que chamamos de “homem da ordem”. (GIRARDI, 1975, p. 17).

3 CONHECENDO OUTRAS TRAJETÓRIAS

Acredito que este trabalho seja um projeto em conjunto, e continuamente em construção e com novas descobertas. Como humanos, estamos sempre sujeitos a mudar de opiniões conforme seguimos em experimentações e experiências. Sendo assim, trarei neste capítulo opiniões de outras pessoas que também compõem, coletadas a partir de um questionário comum a todas, para que possamos perceber quais são os aspectos em comum e quais as divergências. Como explicito no primeiro capítulo, somos brasileiros e vivemos em uma sociedade capitalista e, conseqüentemente, haverá categorias em que as respostas serão muitíssimo parecidas. As pessoas entrevistadas foram selecionadas a partir de colegas ou de quem eu conhecia e acompanhava artisticamente, tendo no total oito pessoas.

Começo o formulário perguntando questões básicas como nome, idade, gênero, sexualidade, local de residência, etnia, situação socioeconômica e, por fim, que gênero(s) musical(ais) a pessoa compõe.

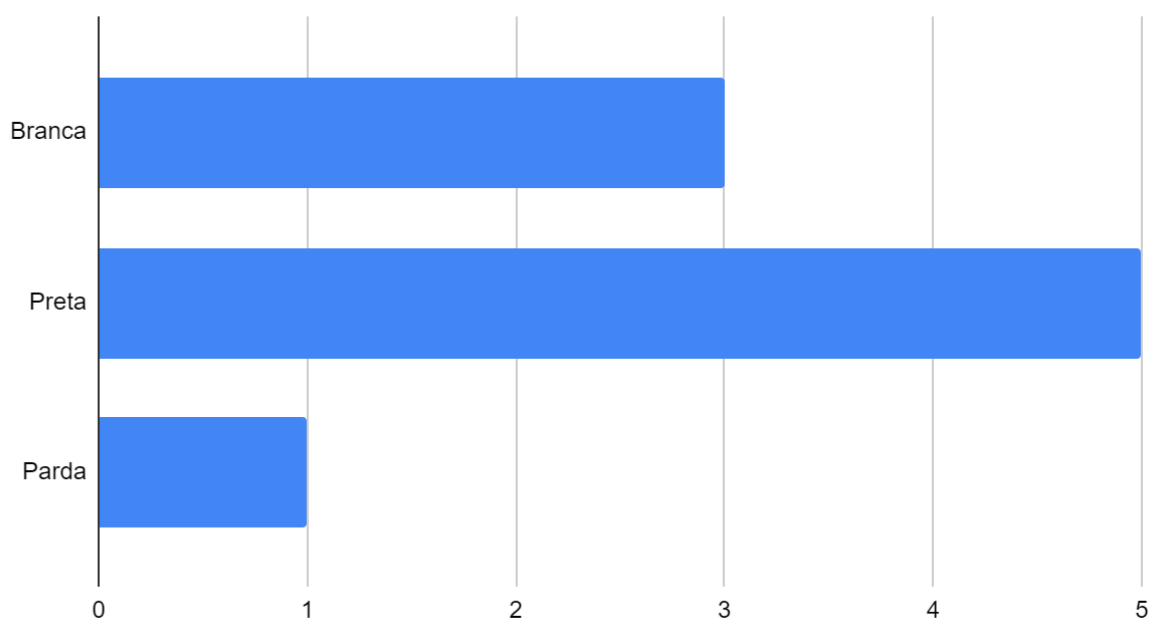
Figura 4 - Gráfico demonstrativo da contagem de sexualidade



Fonte: formulário submetido às pessoas entrevistadas.

Figura 5 - Gráfico demonstrativo da contagem de etnia

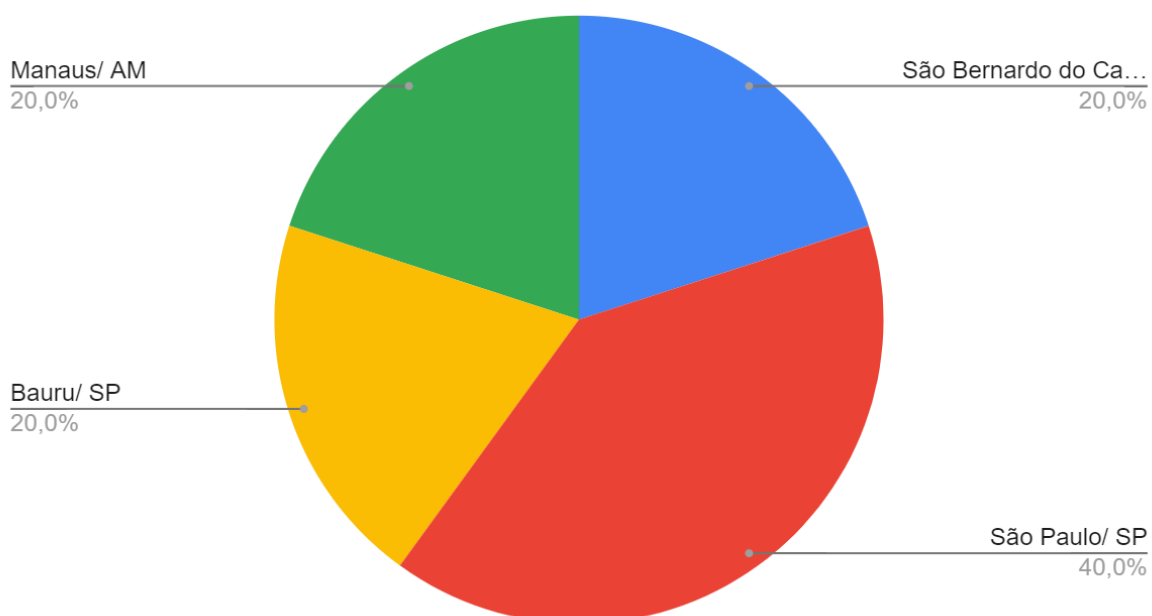
Contagem Etnia



Fonte: formulário submetido às pessoas entrevistadas.

Figura 6 - Gráfico demonstrativo da contagem de cidade/ estado

Contagem de Guarulhos/ SP



Fonte: formulário submetido às pessoas entrevistadas.

A segunda e última parte do formulário é arquitetada por sete questões que serão mostradas abaixo:

1. Quais as maiores dificuldades no cenário artístico-musical?
2. O que é, dentro da sua linguagem musical, considerado “hypado”?
3. Você acha que existe uma "receita" com relação aos seus processos musicais, por exemplo: criação da música > gravação em estúdio > lançamento > show. Justifique.
4. Pra você, o que é ser um artista “grande”, de “sucesso”?
5. Quem ou o que determina o que é ser artista de sucesso?

As perguntas quatro e cinco são curiosas pois elas reúnem questões complexas, como: subordinação à indústria/ mercado, emoção artística individual, má remuneração (muitas vezes nenhuma) e árdua conquista de público. É evidente que existem complicações hierárquicas que, muitas vezes, oprimem a arte enquanto ferramenta de comunicação e despertadora de emoções. No livro “Contágio - Por que as coisas pegam”, Jonah Berger (2014) lista seis princípios acerca de como produzir tendências. Esses são os passos:

I . Moeda Social: que impressão as pessoas causam ao falar sobre um produto ou ideia?

II. Gatilhos: como lembramos as pessoas de falar sobre nossos produtos e ideias?

Gatilhos são estímulos que incitam as pessoas a pensar em coisas relacionadas.

III. Emoção: quando nos importamos, compartilhamos.

IV. Público: as pessoas conseguem ver quando os outros estão usando nosso produto ou se engajando no comportamento desejado por nós?

V. Valor Prático: como podemos elaborar conteúdo que pareça útil?

VI. Histórias: em que narrativa mais ampla podemos envolver nossa ideia?

Percebe-se que o autor aprofunda e conecta bastante questões como a importância da divulgação de seu produto, para que assim vá se constituindo um

público, e o uso deste produto como disparador de emoções e sentimentos. Todavia, existem inúmeras complexidades de nichos, política, localização, classe social, etnia, estilo, relevância, entre outros. O autor, ao longo do livro, traz diversos exercícios baseados em situações hipotéticas, perguntando ao leitor qual resposta é a mais plausível. Isso nos mostra que, apesar de sempre depender do nicho, localização, idade, entre diversos outros diferenciais, há uma presença significativa de que existe uma entidade, instituição, que rege essas escolhas de uma mesma resposta.

O mercado constantemente escolhe quem irá ser destacado dos demais, porém, inúmeras vezes ele foi superado por conta de escolhas de um grande público. Às últimas duas perguntas serão mostradas a seguir com suas respectivas respostas:

6. Quais estratégias você utiliza para não desistir?

- “Ter a consciência de que é a única coisa que eu realmente gosto de fazer.”
- “Minha estratégia e que aconselho sempre é nunca deixar de criar e soltar em algum espaço sua arte. Arte na gaveta cria muitas ansiedades pra mim e só deve estar guardado se não é o momento, mas é importante não perder o *timing*, senão acabamos desistindo por frustrações de coisas guardadas.”
- “Enfim foco é ação, e ação gera uma reação. Mesmo quando não dá certo como imaginamos, a energia dada sempre retorna de alguma forma boa, e ajuda na próxima etapa, próximo lançamento, próxima composição.”
- “Pra mim desistir não é opção.”
- “Não sei ainda”.
- “Me lembro que meu ritmo e contribuição para a cultura não é o atuado com mesma régua da indústria. Busco escutar coisas novas e diferentes e conversar com pessoas próximas”.
- “Tento me manter firme, sem me apegar em números e focar no que meu coração quer dizer/fazer”.
- “Por enquanto tá foda hahahahah mas eu penso que quando eu finalizo ou chego próximo do final de um projeto as pessoas escutam as demos e me elogiam, quando eu faço algo que até mesmo eu me impressiono e fico "viciado" em ouvir, eu acredito que outras pessoas vão gostar também, e isso me cativa a continuar.”
- “Me aquilombar”.

7. Qual seu maior objetivo com sua música?

- “Poder me manter financeiramente apenas com ela.”
- “A música mudou minha vida e sempre me fez ver o mundo melhor e com leveza ou peso necessário, quero passar isso com ela e com certeza ganhar o dinheiro pra elevar o nível.”
- “Me realizar profissionalmente, o que significa: ser rentável e prazeroso. Paralelamente a isso impactar o maior número possível de pessoas.”
- “Viver de música”.
- “Contribuir pra construção de um novo modelo de mundo”.
- “Alcançar outros corações e conseguir viver da minha arte”.
- “Se uma pessoa disser pra mim que minha música fez bem pra ela, ou que ela sentiu algo especial, eu sinto que completei meu objetivo”.
- “Trazer mais ritmo pra esse mundo, colocar no mundo a somatória de todos os meus barulhos pra quem sabe ajudar o barulho das outras pessoas”.

Observando cada etapa, esses são os processos que mais se convergem: dificuldades de administração, complicações acerca de despesas econômicas, reconhecimento da importância da viralização nas plataformas digitais, sucesso e dinheiro estão constantemente alinhados e, por fim, desejo de manter-se financeiramente estável trabalhando com música.

Há a presença de um ciclo vicioso: sem dinheiro não há recursos, trabalho de boa qualidade técnica, logo, conseqüentemente, intensifica-se a possibilidade de viralização nas plataformas digitais, ou seja, alcance de um público.

Trarei dois artistas a seguir que, através dos recortes de classe social e raça, trazem pensamentos e críticas muito parecidas entre eles e, também, parecidos com algumas das respostas preenchidas do formulário:

3.1. Djonga

Gustavo Pereira Marques, mais conhecido como Djonga, é cantor, compositor e poeta, nascido em 1994, na Favela do Índio em Belo Horizonte. Em seu último ano cursando história na Universidade Federal de Ouro Preto, abandonou para que pudesse se dedicar à arte. Sua linguagem musical é o Rap e o artista é constantemente alvo de polêmicas por denunciar, nas letras de suas músicas, o racismo e machismo estrutural. No dia 13 de outubro de 2022 lançou seu álbum

“Dono do Lugar”. “Eu comecei minha carreira num sarau de poesia, chamado Sarau Vira-Lata. Foi na época em que os movimentos independentes de rua de BH estavam muito fortes, existiam vários saraus espalhados pela cidade. Esse movimento de rua também era político, funcionava como um protesto contra o prefeito da cidade, por isso era tão forte” (DORNELAS, 2017).

O rapper conta em uma coletiva de imprensa (LIVE, 2022, 45:33-47:44) o que pensa sobre a indústria fonográfica, a partir da pergunta: “como você avalia, hoje, o Rap?”, ele responde que “a ideologia da indústria é o dinheiro” e que não é o “dono” de seu trabalho justamente por ter consciência que os verdadeiros “donos, são os que retêm os meios de produção e artistas são apenas assalariados”. A partir de todas essas críticas, torna-se evidente a aproximação com o conceito da solução ilusória (GIRARDI, 1975), mostrada no capítulo 1.1, pois Djonga diz justamente que por mais dinheiro que se faça com arte, esse dinheiro pertence verdadeiramente aos que estão no “topo” da pirâmide social.

(...) a gente fica alimentando esse ciclo e semana que vem, daqui dois anos, vai ser outra coisa que será a do momento, e várias pessoas que acreditaram que [na cena atual] esse é o “grande lance”, vão deixar de existir. (LIVE, 2022, 50:17-50:30)

3.2. Galo de Luta

Paulo Roberto da Silva Lima, mais conhecido como Galo de Luta, ansiava por se tornar um rapper, porém devido a complicações financeiras, teve que começar a trabalhar como *motoboy*, ou como ele mesmo se define: “mais um rapaz comum” (QUEM, 2022, 0:09 min). Ainda criança escreve suas primeiras letras de Rap, e seu processo de politização começou com o próprio movimento Hip Hop ao adentrar na cultura em 2002, com o lançamento do disco “Nada como um Dia após o Outro Dia”, composto pelo Racionais MC's. Como seu maior desejo era tornar-se rapper, compositores na época o aconselharam que a leitura era essencial. Então, Galo começa diversas leituras sobre lutas sociais, como: Malcolm X, “Negras Raízes: A Saga de uma Família” (de Alex Haley), “As Veias Abertas da América Latina” (de Eduardo Galeano), entre muitos outros. Atualmente é fundador do Movimento dos Entregadores Antifascistas.

Teve um enorme reconhecimento no dia 24 de julho de 2021 que, a partir de um ato revolucionário, atea fogo em pneus localizados na base da estátua do

bandeirante Borba Gato (ZN/ São Paulo). Em um Podcast, Galo traz reflexões e denúncias, também, acerca desta pirâmide social:

(...) Tem muita gente que acredita que existe uma solução para os pretos, para classe trabalhadora, para os mais oprimidos do mundo pelo mercado. Esse mercado nasceu para vender nós. Só existe uma forma de solucionar a “parada”: é quebrar este mercado e estabelecer outra lógica de mercado. “Pretos no topo” e “favela venceu” são ideias que vão por dentro do mercado. As vezes a vitória de um [uma pessoa] é um plano de contenção para segurar o resto [das pessoas]. Nós têm que transformar o triângulo num círculo e coexistir. Em vez de querer vencer, nós têm que convencer, pois convencer é vencer junto com você. (PAULO, 2022, 39:54-41:46).

Galo conta de sua experiência na cadeia e o quanto isso impactou em sua luta (PAULO, 2021, 31:27-38:47 min). No dia em que foi preso, ele comprou e foi vestido com uma camisa dos Panteras Negras⁴. Por quatorze dias ele permaneceu em cárcere em três celas pequenas diferentes, ao longo dos dias, sendo divididas por mais de dez pessoas. Ele afirma em diversas entrevistas que a escolha da camisa foi proposital, pois seu objetivo era propagar suas ideias revolucionárias. Um dia, em uma conversa com um homem conhecido por “Rosa Luxemburgo”⁵, que também estava preso, ambos argumentaram sobre as diferenças entre revolução e reforma. Ao final da conversa, Galo percebeu a importância das conquistas reformistas para que se chegue em uma futura revolução e que não é possível “transferir” uma ideia sob outra, sem que as pessoas estejam dispostas a ouvir, de fato, e sem argumentação mediadora.

Para nós, só uma articulação dialética entre as condições objetivas e a iniciativa humana pode fundar uma teoria revolucionária capaz, ao mesmo tempo, de mobilizar as massas e de assegurar a eficácia histórica de sua ação. Segundo a feliz fórmula de Engels: “Somos nós que fazemos a nossa história, porém com pressupostos e em condições bem determinadas”. A análise objetiva releva não somente as necessidades mas também as possibilidades e as tendências frequentemente contraditórias, inerentes às situações entre as quais a ação política é convocada a escolher. É, por fim, o próprio empenho revolucionário que permite a descoberta do potencial de

⁴ “Os Panteras Negras foram um partido político norte-americano surgido em defesa da comunidade afro-americana. Esse partido originou-se, a princípio, como um grupo voltado ao combate contra a violência policial contra os negros durante a década de 1960, no contexto do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos. Os Panteras Negras assumiram uma ideologia revolucionária que advogava pela autodefesa armada dos negros contra a violência do Estado contra essa comunidade.”Fonte:

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/os-panteras-negras-e-o-movimento-racia-l-nos-eua.htm>

⁵ Rosa Luxemburgo foi uma filósofa e economista marxista polaco-alemã.

novidades e liberdades sufocadas pelas estruturas da cultura dominante. É o empenho revolucionário que revela a possibilidade do impossível. (GIRARDI, 1975. p. 39).

3.3. Bia Ferreira

“Os artistas precisam se posicionar, nós temos um papel importantíssimo por que a gente fala com as pessoas! ‘Artivismo’ deveria ser uma base para quem quer viver de arte. Não tem como você viver de arte se calando diante do que está acontecendo porque se você se cala, então o que você faz não é arte, é pão e circo” (DEIXA, 2019, 01:17-01:40).

Nascida em 1993, em Minas Gerais, Bia é compositora, cantora, multi-instrumentista, negra, lésbica, de família tradicional evangélica e, como ela mesma coloca em sua mini biografia do Spotify, “define sua arte como MMP: Música de Mulher Preta. Faz o uso de sua obra para educar, conscientizar e passar informações a respeito das demandas de luta do movimento antirracismo no Brasil”. Há muitas coisas que pensamos em comum e uma delas é enxergar a arte enquanto ferramenta política. O que é o artista senão um mensageiro? Muitas pessoas têm dificuldade em associar que vivemos em uma sociedade imersa em ideologias. A partir de um momento em que um artista se abstém de um posicionamento político, ele já está se posicionando. A nossa cultura, educação e quaisquer fontes de entretenimento, estão constantemente carregadas dessas ideologias: “o principal sucesso da ideologia está justamente em cegar as massas sobre sua própria condição; em garantir à minoria dos exploradores o apoio de uma “maioria silenciosa” de explorados; em conseguir que os escravos lutem para defender sua própria escravidão” (GIRARDI, 1975, p.15).

A ideologia está escondida mesmo na linguagem. A linguagem, com efeito, não é só um instrumento de comunicação dos conhecimentos, mas também a cristalização de um pensamento; saber falar é, além do mais, uma das formas de poder que a classe dominante se reserva; enfim, a sujeição às leis da linguagem, aceitas como leis absolutas, faz corpo com a sujeição às leis do sistema. Aprender a falar significa aprender a obedecer. (GIRARDI, 1975, p.19)

O que esses três artistas que trouxe neste capítulo têm em comum é justamente a consciência de um arquétipo criado em artistas. Eles não só

reconhecem mas falam e cantam sobre as complexidades geradas por esse sistema em que vivemos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUAL MEU MAIOR OBJETIVO COM A MÚSICA?

Minha trajetória começa desde cedo, mas somente em 2020, no ano de quarentena pelo vírus da Covid-19, é que minha arte saiu do campo imagético para o da realidade. Ganhei um concurso musical, “Os Quatro Cantos”, produzido por uma produtora independente chamada de Novelo Produções, cujo prêmio era a realização gratuita de um videoclipe. Sinto que este foi o grande passo que despertou minha coragem de mostrar algo tão íntimo e sensível que tanto demorei a construir. No ano seguinte, em 2021, lancei “Epifania”, meu primeiro álbum, com músicas que tinha composto desde 2014.

Desde que lancei a música e álbum, deparei-me com inúmeras nomenclaturas, burocracias e receios acerca desse grande “personagem”: o mercado. Quanto mais estudava, mais dúvidas e termos iam surgindo. É fato que tanto o número de assinantes de plataformas digitais quanto o número de produções independentes cresceram durante a quarentena. “À medida que o bloqueio ocorreu, as grandes gravadoras lançaram 1,2 milhão de músicas em 2020; Artistas DIY lançaram incríveis 9,5 milhões. Isso é uma proporção de 8 para 1 de artistas” (PAGE, 2022). Mas escrevo de dentro da minha perspectiva e contexto: sou brasileira. Apesar do aumento da busca sobre os assuntos de produção musical independente, isso não muda o fato de que em nosso cenário político/econômico o acesso às informações é tão difícil quanto a aquisição financeira para instrumentos e tecnologia. Desde então, estou entendendo cada vez mais o que busco como artista e como desviar dessas normas impostas pelo mercado. Estou sempre procurando outras referências artísticas, expandindo meu repertório e acima de tudo ouvindo pessoas, conhecendo tantas outras trajetórias.

“Epifania” é pensado de forma cíclica, pois era como eu vinha me sentindo há anos, dentro do contexto de amor. Um dos motivos pelos quais demorei a lançar esse álbum é porque eu me sentia de alguma forma culpada por não estar cantando sobre assuntos e demandas “importantes” ou “relevantes” o suficiente. Não sentia que minha vida amorosa era significativa para nossa sociedade. Foi um processo até entender que os motivos dessa falta de coragem são frutos de uma sociedade patriarcal e LGBTQIA+fóbica, que fazem pessoas como eu acharem que o amor não é demanda suficiente, nem tampouco ferramenta de comunicação acerca de outras pautas.

A Bia de vinte e oito anos vai lançar um disco inteiro falando só de amor, e entendendo que é a maior tecnologia de sobrevivência para corpos parecidos com o meu, porque o amor não foi pensado para gente. Então, toda vez que a gente está viva e amando, é o maior ato revolucionário. É um “tapa na cara” do patriarcado, do racismo, da LGBTQIA+fobia: a gente viva, feliz e amando. Então, é para além da nossa dor. É sobre o que faz com que a gente se mantenha de pé, apesar da nossa dor. (BIA, 2022).

Fui convidada algumas vezes, neste ano de 2022, para realizar um show do meu álbum. Rapidamente lembrei de uma amiga e artista independente muito importante para mim: Lílian Rocha. Há algumas semanas ela teria realizado seu primeiro show solo, e lembro que foi um dos melhores que havia assistido. Lílian havia usado uma ferramenta, em minha opinião e de muitas outras pessoas, essencial: a mediação. Eu trabalho com arte-educação em museu e a mediação é desenvolvida sempre a partir do outro, das experiências, conhecimentos, opiniões e vivências do outro. É lamentável que a situação do professor nas salas de aula, sobretudo em instituições públicas, esteja cada vez mais piorando, sendo atacada e sucateada pelo estado.

Mas, o que pode significar um projeto de educação libertadora em um mundo ancorado na dominação? Onde a dominação sobre as estruturas e sobre as idéias é de tal forma profunda que a liberdade não só parece impossível, mas impensável? Para a maior parte dos homens, de fato, liberdade nada significa, de tal modo são constrangidos a pensar o futuro sobre o modelo do presente, o ideal à semelhança da realidade. Sufocando a liberdade, a cultura dominante reprime a imaginação e bloqueia o porvir. (GIRARDI, p. 34)

Com o avanço do fascismo, a censura no Brasil adentra aos poucos outros espaços culturais, ou seja, instituições de educação não-formal. Eu vivi esta realidade de estar sempre me preocupando com posicionamentos políticos dentro desses espaços teoricamente “desamarrados” de censuras, e temo que, se não prestarmos atenção ou mobilizarmos nossas lutas, logo serão raras as instituições onde a emancipação política e libertadora será possível.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 1970. p. 33)

Trazendo mais uma vez uma aproximação entre Djonga, Galo de Luta, Bia Ferreira, mas também outras diversas pessoas artistas, a mediação é frequentemente usada como ferramenta de afinidade e melhor compreensão. A arte falha quando para de se comunicar. De que ela serve senão para unir e mobilizar massas acerca de uma mesma vivência e realidade? Então, eu juntei minha experiência como público em shows de artistas que admirava, como a Lílian, e fui montando um pequeno “roteiro” que não só explicava o conceito do álbum, mas também que fizesse o público participar e compartilhar suas experiências. Percebi o impacto que é ouvir as pessoas, especialmente nesses anos pós-quarentena, que causaram nelas uma necessidade maior de serem escutadas e de serem vistas. “A revolução deve ser educadora, e a educação deve ser revolucionária” (GIRARDI, 1975, p.38).

Em meio a todas essas reflexões, elaborei um poema acerca de todas essas questões trazidas até então:

*A questão não é sobre arte, é sobre número, 1 milhão
o povo acha que faz parte, o topo simula discussão
a base que leva esporro e acredita num desejo
é chamado de tolo, vagabundo e ingênuo*

*A história se repete é um ciclo vicioso
marcham ao som de trompete, a gente grita e fica rouco
sua fé é no cacetete, a minha fé é no Caboclo*

*Essa é nossa rotina, que parece Black Mirror
corpos nas esquinas, Black Lives Matter, perigo!
perigo. É um surto coletivo
aqui a memória é curta, Pelourinho era castigo!*

*É exaltada a ditadura, a cada quatro sem esperança nas urnas
muda o nome mas tem coisa que não muda
pacto entre sangue azul, nação que nasce de uma surra
uns sem nada e outros nadam em fartura*

*Meu objetivo é cantar sem medo
meu maior desejo é desenvolvimento
sair da hipnose e do cancelamento
cultura de massa que massacra pobre
ignora a estrutura passa pano pra nobre*

*Arte de rua é chamada Hip Hop
engenho é a nova indústria que só quer saber de nome
“dar nomes aos bois”*

e descobrir por que tudo é dividido entre dois

Educação é liberdade comunica fatos

Politização é ter coragem e não ser grato

“Batuque” é quilombo, sangue revolucionário

Eu tenho muitos sonhos que não cabem nesse A4⁶

Sempre fui muito apaixonada por arte, principalmente a música. E assim como muitos artistas independentes, almejava cantar para as pessoas não por dinheiro e fama, mas para transmitir e compartilhar ideias, utilizar da arte como fonte de inspiração e diálogos. A arte é grande demais para caber em meras “caixinhas”. Para mim, arte é instrumento de mobilização, é ação, é geradora de sentimentos e emoções. Por que deixamos que nos rotulem? Que dêem nomes às nossas artes, escolham o que serve e o que não? Compartilho com a definição que Bia Ferreira faz de si que, sendo artista, ela “usa a arte enquanto ferramenta de transformação e enquanto ferramenta de informação, para chegar até às pessoas que se parecem comigo e que não tiveram oportunidade de ter as mesmas informações a que eu tive acesso”. (BIA, 2022, 05:44-06:01). Já que não há independência na arte, sejamos então cada vez mais unidos em meio a tantas guerras e dificuldades. Sejamos tudo aquilo a que o sistema se contrapõe.

⁶ Poema escrito em 2022 no intuito de responder as perguntas retiradas do formulário. Autoria: Ingrid Anjos.

REFERÊNCIAS

(LIVE) Djonga - O Dono Do Lugar | Coletiva de Imprensa. [S. l.: s. n], 11 out. 2022. 1 vídeo (01:08:32 h.). Publicado pelo canal: Djonga. Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=gXCDiqcUWTU&t=2865s> BERGER, Jonah.

Contágio: por que as coisas pegam? Rio de Janeiro: LeYa, 2014.

“DEIXA que eu conto a minha história”, reivindica Bia Ferreira. [S. l.: s. n], 08 set. 2019. 1 vídeo (08:18 min.). Publicado pelo canal: Brasil de Fato. Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=fftTK2TedmQ&t=1s>

ALCIONE e outros famosos saem em defesa de Ludmilla após ataque racista: 'Inaceitável'. **Folha de S.Paulo**, Celebidades, São Paulo, 18 jun. 2020. Disponível em:

<https://f5.folha.uol.com.br/celebidades/2020/06/alcione-e-outros-famosos-saem-em-defesa-de-ludmilla-apos-ataque-racista-inaceitavel.shtml>. Acesso em: 18 jun 2020.

BIA FERREIRA E JONATHAN FERR - NEGGATAPOD #1. Publicado pelo canal: neggata. [S. l.: s. n], 23 nov. 2021. 1 vídeo (01:04:42 h.). Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=D_jnlscFLZE

BIA Ferreira - BlackPeople PodCast #034. [S. l.: s. n], 31 mar. 2022. Publicado pelo canal Blackpeople. 1 vídeo (1:44:47 h). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Jg15WtVsxlc>. Acesso em: 31 mar. 2022.

CAVALCANTI, Naiara; CALAZANIS, Fabíola. Spotify e relações de consumo: a música como estratégia de marketing para as juventudes. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2-7 set. 2019, Belém (PA). Belém - PA – 2 a 7/09/2019. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0614-1.pdf>.

Acesso em: 03 nov. 2022.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 30, dez. 1999. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-46981999000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 03 nov. 2022.

DORNELAS, Luana. A trajetória de Djonga: o rapper mineiro fala sobre carreira e seu disco de estreia "Heresia". **Red Bull** (site), Música, 14 dez. 2017. Disponível em:

<https://www.redbull.com/br-pt/a-trajetoria-de-djonga>. Acesso em: 14 dez. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GANDRA, Alana. Pesquisa: 79% de mulheres que atuam na música são discriminadas. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 10 maio 2021. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-05/pesquisa-79-de-mulheres-que-atuam-na-musica-sao-discriminadas>. Acesso em: 09 nov. 2022.

GIRARDI, Giulio. **Educar: para qual sociedade?** São Leopoldo, RS: Aldus: UNISINOS, 1975.

GONÇALVES, LUIZ. A Indústria Fonográfica do Século XXI: a popularização das plataformas de Streaming. **Música em Foco**, São Paulo, v. 3, n. 1. 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/musicaemfoco/article/view/683>. Acesso em: 03 nov. 2022.

HISSONG, Samantha. Sales of Instruments and Music Gear Are Soaring. Will Quarantine Spark a Renaissance? **Rolling Stone**, [s.l.], April 24th 2020. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/pro/features/quarantine-diy-music-rennaissance-98839> Acesso em: 24 abr. 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MARTINS, Leonardo. N° de alunos negros sobe 52% na USP em 10 anos, mas eles representam só 15%. **UOL Educação**, São Paulo, 21 dez. 2018. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2018/12/21/alunos-usp-pretos-pardos-15.htm>. Acesso em: 09 nov. 2022.

MARX, Karl; FRIEDRICH Engels. **Manifesto do partido comunista.** 2. ed. Lisboa: Editorial “Avante!”, 1997.

PAGE, Will. The music industry makes more money but has more mouths to feed. Financial Times, Opinion Media, [s.l.], February 19th 2021. Disponível em: <https://www.ft.com/content/77768846-a751-45ec-9a12-20fff27ddefb>. Acesso em: 09 nov. 2022.

PAULO Galo - Az Ideias Podcast #09. Publicado pelo canal: Az Ideias Podcast. [S.l.], 15 nov. 2021. 1 vídeo (01:10:46 h.). Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=gest2eK2zYM&t=2441>.

PAULO Galo | Programa RAP, falando: Ep. 17, Temp. 02. [S. l.: s. n], 05 jun. 2022. vídeo (02:59:10 h.). Publicado pelo canal: RAP, falando. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mGfmpYAdI2Y&t=2512s>.

QUEM É PAULO GALO? [S. l.: s. n], Publicado pelo canal: Cortes Podpah [OFICIAL]. [S. l.: s. n], 7 mai. 2022. 1 vídeo (04:54 min.). Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=e85KbGmOEcc>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SILVA, Daniel Neves. Panteras Negras. **História do Mundo** (site), [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/os-panteras-negras-e-o-movimento-racial-nos-eua.htm>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2011.